

Leïla Slimani

Levarei o fogo comigo

Tradução de Tânia Ganho



AS PERSONAGENS

Mathilde Belhaj: Nascida em 1926, na Alsácia, conhece Amine Belhaj em 1944, quando o regimento dele acantona na sua aldeia. Casam-se em 1945 e, um ano depois, Mathilde muda-se para Meknès, em Marrocos, para viver com Amine. Instalam-se numa quinta e Mathilde dá à luz uma menina, Aïcha, seguida de um menino, Selim. Enquanto o marido trabalha arduamente para transformar a quinta numa exploração próspera, ela abre um dispensário onde trata os trabalhadores rurais das redondezas. Desde a sua chegada a Marrocos, aprende árabe e berbere e, apesar das dificuldades e da sua oposição a determinadas tradições, em especial as que dizem respeito ao estatuto das mulheres, afeiçoa-se ao país.

Amine Belhaj: Nascido em 1917, filho de Kadour Belhaj, intérprete no exército colonial, e de Mouilala. Herda as terras de Kadour, mas, no dealbar da Segunda Guerra Mundial, decide alistar-se num regimento de sipaios. Juntamente com o seu ajudante de campo, Mourad, é preso num campo na Alemanha, de onde consegue fugir. Em 1944, conhece Mathilde e casa-se com ela na igreja, na Alsácia, em 1945. Nos anos de 1950, estando Marrocos a atravessar um período de tumultos, dedica-se obstinadamente à quinta, que transforma numa

exploração de sucesso. Apaixonado por agronomia e pelas técnicas modernas, desenvolve novas variedades de citrinos e de oliveiras. Depois de anos de infortúnios, associa-se ao médico húngaro Dragan Palosi, o que lhe permite finalmente ter lucros e integrar-se na burguesia de Meknès.

Aïcha Belhaj: Nascida em 1947, Aïcha é filha de Mathilde e de Amine. Estuda num colégio de freiras, onde obtém excelentes resultados. No final dos anos 60, vai para Estrasburgo estudar Medicina e, no início dos anos 70, regressa a Marrocos e instala-se em Rabat, onde decide especializar-se em ginecologia. Casa-se com Mehdi Daoud, brilhante economista e funcionário superior da administração pública.

Selim Belhaj: Nascido em 1951, Selim é filho de Mathilde e Amine. Menino amimado pela mãe, também ele estuda na escola colonial. No verão de 1968, junta-se a uma comunidade *hippie* em Essaouira. Depois de uma passagem por Ibiza, acaba por se instalar em Nova Iorque, em 1973, e torna-se fotógrafo.

Selma Belhaj: Nascida em 1937, Selma é irmã de Amine, Omar e Jalil. Adorada pela mãe, a menina de beleza solar é constantemente vigiada pelos irmãos. Aluna indisciplinada, falta regularmente às aulas do secundário e, em 1955, conhece o jovem piloto Alain Crozières, de quem engravida. Para evitar o escândalo, Amine casa-a com o seu antigo ajudante de campo, Mourad. Em 1956, ela dá à luz uma menina, Sabah. No final dos anos 60, Selma tem uma relação com o seu sobrinho Selim, e Mourad, o marido, morre num acidente. Selma decide instalar-se, então, em Rabat.

Mehdi Daoud: Nascido em 1945, em Fez, é filho de Mohamed Daoud, modesto empregado ao serviço de franceses, e de Farida, uma mulher violenta e dependente de morfina. É um aluno brilhante na escola colonial e o melhor candidato no concurso da Inspeção de Finanças. Instala-se em Rabat e vira costas à sua família e infância. Ferrenho esquerdista — chamavam-lhe Karl Marx, na juventude —, aceita um cargo no Ministério da Indústria, no início dos anos 70. Em 1972, casa-se com Aïcha Belhaj.

Mia Daoud: Nascida em 1974, é a filha mais velha de Mehdi e Aïcha.

PRÓLOGO

Uma noite, em novembro de 2021, perdi o paladar e o olfato. Uma mulher dormia na minha cama. Lambi-lhe o ombro, enterrei o nariz no pescoço dela, aproximei a cara do sexo dela. Não sabia a nada. A mulher começou a mexer-se. Puxou-me para si, queria fazer amor, mas eu estava apavorada. Virei-lhe as costas. Fechei os olhos e tapei o rosto com o lençol. O lençol também não cheirava a nada.

A febre veio a seguir. Eu tremia na cama como um doente com paludismo e parecia que nada conseguia aquecer-me. Bem podia empilhar edredões e cobertores, continuava a bater os dentes. Fiquei de cama durante dias, sozinha no meu apartamento. Ninguém me visitou e não atendi o telefone. As poucas pessoas que me ligaram devem ter pensado que eu estava a escrever. Tossia bastante e, uma noite, julguei que ia morrer. Tinha a impressão de não conseguir inspirar e, por volta das três da manhã, pensei em ligar para o serviço de emergência. Só não o fiz por vergonha. A vergonha de lhes abrir a porta, de os receber de pijama sujo, num apartamento que não tinha sido arejado nem limpo. Não morri e a febre baixou. Acabei por contactar quem me deixara mensagens. O meu editor. A minha mãe. «O que é que se passa?», perguntaram-me. Respondi que não era nada. Cansaço, é só isso. Cansaço.

Nos dias que se seguiram, tentei regressar ao trabalho. Acordava ao nascer do dia e instalava-me à minha mesa. Esperava. Podia passar horas sem fazer nada, diante do documento aberto no Word. Era incapaz de me concentrar no meu romance. Por vezes, inspirava fundo, dava uma palmadinha na face e tentava retomar o fio condutor de um capítulo. Mas rapidamente o meu espírito divagava, sem pensar em nada de concreto. Deslizava de uma imagem para outra, nasciam-me ideias informes no cérebro, que depois rebentavam como bolhas de sabão. Não conseguia organizar as ideias, ou nem sequer tinha ideias. Lia cinco, dez vezes a mesma ficha de trabalho e não processava nada, como se tivesse sido escrita numa língua estrangeira cujo alfabeto eu conhecia, mas não o vocabulário. Sentia-me perdida, sobrecarregada.

Tenho o hábito de redigir listas, mas, nessa época, tornou-se uma verdadeira obsessão. Registava as coisas a fazer num grande bloco de notas. Queria clarificar a mente, facilitar a vida, mas era precisamente o oposto que se verificava. Olhava para a lista e desatava a chorar. Não sabia por onde começar, que livro ler, que capítulo escrever, hesitava entre pôr roupa a lavar e limpar a casa. Era incapaz de tomar uma decisão e ficava deitada, de manhã à noite, nos lençóis sujos. Deixei de ir ao supermercado, porque dava por mim petrificada diante de cada corredor, sem conseguir escolher. Tinha a sensação de que me afogava. Por vezes, apercebia-me de que se passara um dia inteiro sem eu ter conseguido ganhar coragem para me despir e tomar banho.

Tudo me parecia avassalador. Via séries durante horas, de persianas fechadas, o telefone desligado. Pouco me importava o enredo, de que eu só apanhava uma coisa aqui,

outra acolá. Era uma maneira de passar o tempo e distraía-me da minha angústia. Enrolava charros em plena tarde e comia de pé, na cozinha, pratos insípidos que enchia de mostarda ou picante. Tinha sempre um gosto metálico na boca, que me lembrava o sexo de algumas mulheres. Mulheres cujo nome e rosto eu esquecera. Dormia, mas o sono também já não era o mesmo. Como se tivesse fumado ópio, sentia-me aturdida e, ao mesmo tempo, agitada e, de dia para dia, acordava cada vez mais cansada.

Evitava sair. Mas não podia impedir as pessoas de se preocuparem comigo. Não respondia a mensagens, e elas insistiam. No Natal, cedi. O jantar em casa da minha irmã Inès foi uma tortura. Tentei mostrar-me alegre. Bebi champanhe e, durante uns instantes, até me senti feliz por ali estar, por ver os miúdos rasgarem com as suas mãozinhas o papel de embrulho e gritarem ao descobrir que era uma boneca ou um camião. E, depois, senti-me desaparecer. Como se um crocodilo me puxasse para o fundo de um lago e, antes de me devorar, me deixasse apodrecer na lama. Não conseguia acompanhar as conversas, tinha sempre um atraso em relação ao que os outros diziam, respondia com sorrisos idiotas às perguntas que me faziam. Deve ser assim, quando se é muito velho. Sentam-nos numa cadeira a um canto da sala, a festa continua, as pessoas riem, discutem e, de vez em quando, alguém vem limpar-nos a baba ao canto da boca. Cansaço, disse a minha mãe. É isso, cansaço.

Mantive-me fechada em casa. O mundo exterior deixou de existir. Não era um sentimento desconhecido. Muitas vezes, durante a escrita de um romance, isolo-me assim, em minha casa ou numa casa no campo, e perco a noção do tempo. Só que eu não escrevia. Faltavam-me

as palavras. Diante da página, ficava como que congelada. Já tinha tido bloqueios, faltas de inspiração, crises de raiva e de desespero. Mas desta vez era diferente. As palavras giravam-me na cabeça, eu conseguia evocá-las, escolhê-las, mas não era capaz de as escrever nem pronunciar. Certa noite, acordei sobressaltada. Tinha uma ideia para o meu romance. Peguei numa folha em branco e numa caneta que estavam na mesa de cabeceira e rabisquei ideias para uma cena. Mehdi na prisão e uma tablete de chocolate. Na manhã seguinte, ao acordar, procurei os meus apontamentos. A folha estava pousada aos pés da cama. Olhei para ela: o que eu tinha escrito não fazia sentido nenhum. Não passava de traços e linhas que nem sequer formavam letras. Desatei a rir. Estava a enlouquecer.

Em março de 2022, decidi telefonar a um médico. A secretária que me atendeu comia enquanto falava. Sugeriu-me datas, horários, e eu entrei em pânico. Não percebia nada do que ela dizia, pedi-lhe para repetir. Tinha a testa coberta de suor e a impressão de que ela conseguia ver-me e ia fazer troça de mim. Desliguei-lhe o telefone na cara. Ainda tentei uma ou duas vezes, depois consegui marcar uma consulta pela internet, com um médico de clínica geral do meu bairro. O consultório ficava no primeiro andar de um prédio na rue d'Amsterdam. Anotei na mão o código da porta e, durante todo o trajeto, mantive os olhos fixos na minha palma. Nada mais me importava. Subi os degraus e empurrei a porta, que estava entreaberta. Havia três pessoas sentadas na sala de espera, todas de máscara na cara. Instalei-me encostada à parede, à direita da casa de banho. À minha frente, uma mulher com uns olhos muito bonitos fixava um cartaz sobre os perigos do tabaco. Tive vontade de lhe baixar a máscara, de lhe ver

a fisionomia. De tanto as observar, apercebi-me de que as pessoas são sempre mais feias do que pensamos. Não nos podemos fiar na beleza dos olhos.

Uma mulher de um metro e cinquenta saiu do gabinete, segurando numa prescrição de encontro aos seios. Ouvi o meu nome. «Mia Daoud?» Um homem muito alto avançou para o corredor. Fez-me sinal para o seguir e observei, angustiada, as suas costas maciças, a sua bata meio acinzentada. A minha mãe nunca teria usado uma bata assim, com o bolso rasgado. Mandou-me sentar, instalou-se atrás da secretária. Só me olhava de relance e pensei que algo em mim o perturbava. Assentou a minha data de nascimento, a morada, perguntou-me a profissão.

Escritora.

Ele desviou os olhos do ecrã.

— Ah, sim, bem me parecia que o seu nome me dizia alguma coisa. Não recebeu um prémio?

Fiz que sim com a cabeça. Transpirava dentro do blusão de penas, mas não queria despi-lo.

— E então, que a traz à consulta?

Tentei explicar-lhe. Repeti a palavra cansaço. Falei-lhe das minhas crises de lágrimas no supermercado e do dia em que não consegui lembrar-me do código da porta do meu prédio. Mas ele não pareceu inquieto. Era o tipo de pessoa que acha que os artistas são todos meio passados da cabeça.

— Está deprimida.

Não ia contradizê-lo. Era verdade que estava deprimida, mas não a ponto de perder a memória e o sentido de orientação. Aconselhou-me a marcar consulta com um psicólogo que ele conhecia.

— Ele é rápido e eficaz. Faz milagres.

*

O psicólogo dava consultas à distância e, numa segunda-feira de manhã, vi o rosto dele aparecer no ecrã do meu telefone. Por várias vezes, nas horas que antecederam a consulta, pensei em cancelar. Mas ali estava eu, estendida na cama, fixando o rosto de um desconhecido no ecrã. Tinha pensado muito no que lhe ia dizer, mas acabei por pouco falar. Mencionei o meu romance, as minhas dificuldades em escrever, as recordações que se me escapavam, a morte do meu pai, e ele pôs-se a fazer que sim com a cabeça.

— Vou interrompê-la um instante.

Tentou explicar-me qualquer coisa sobre dissociação e recalamento. Comparou-me àqueles frutos que por vezes se põem em cima dos bolos, pequeninos e redondos, de cujo nome não me consigo lembrar. Tínhamos imperativamente de iniciar um processo de trabalho. Parecia categórico. Marquei consulta para a semana seguinte. Era preciso pagar antecipadamente, cento e quarenta euros. Fiz a transferência, mas nunca mais lhe liguei. Bloqueei o número dele.

Na época, andava a ver uma série sobre um homem que tinha um tumor no cérebro. Convenci-me de que era disso que eu padecia. O clínico geral cometera um grave erro médico. O psicólogo não tinha percebido nada. Con-tei ao Hakim por telefone. É o meu melhor amigo, não lhe escondo nada, sabia que ele não faria troça de mim. Deu-me o número de um dos seus professores de Neurologia dos tempos em que estudava em Paris. «Um médico brilhante e um excelente professor.»

Adorei-o desde o primeiro instante. Assim que o vi no corredor do hospital, soube que podia confiar nele.

Olhava à sua volta como uma criança desorientada numa feira popular. Já vi isso muitas vezes em pessoas brilhantes, o espírito muito aguçado. Fazem-se de perdidos, como se estivessem presentes e, ao mesmo tempo, um nadinha ausentes. Sentei-me à frente dele. O gabinete estava inundado de luz e ele fitava-me. O seu olhar era belo e distante, tão azul como o céu da minha terra, e emanava uma sensação de franqueza e humanismo. Escutou-me atentamente. Tirava notas, mas levantava muitas vezes a cabeça para pousar os olhos azuis nos meus. Era muito agradável, essa maneira de me mostrar que se interessava por mim. Por vezes, repetia o final das minhas frases, «estar sem estar», e começava outras. Fez-me perguntas.

— Consume drogas?

Respondi que fumava charros de vez em quando. Ele não levantou os olhos do papel.

— Mais nada?

Não me apetecia dizer-lhe a verdade. Só o conhecia há uns minutos e, no entanto, a ideia de o desiludir perturbava-me.

— Consumi cocaína durante uns anos.

— A cocaína mata os neurónios. Sabia?

Depois, desfiou um questionário. Queria saber se me lembrava do que comera na véspera, do que vira na televisão. Perguntou-me se tinha dificuldades ao nível da linguagem.

— Troca o sentido das palavras? Sente que as palavras lhe faltam? E, se sim, esquece-se mais dos nomes comuns ou dos nomes próprios?

Ele auscultou-me o coração.

Enquanto me examinava, a necessidade de fazer conversa foi mais forte do que eu. Tinha medo de que me

considerasse louca ou hipocondríaca. Queria que me levasse a sério. Disse-lhe que a minha mãe era médica. Uma profissão que eu admirava, que me era familiar.

— Não há nada pior para um escritor, sabia? Se eu perder a memória e a linguagem, é o meu fim.

Ele sorriu e voltou a sentar-se atrás da secretária.

— Há dias, tive aqui um soprador de vidro. Apresentava os mesmos sintomas. Dificuldades a nível da linguagem e da concentração. Só que, no caso dele, um segundo de distração e ele faz uma queimadura de terceiro grau na mão ou deita fogo à oficina inteira. — Os seus belos olhos azuis fixavam-me. — Já ouviu falar de *brain fog*?

Abanei a cabeça.

— Nevoeiro mental.

Eu não teria encontrado melhor expressão para descrever o que sentia. Nos últimos meses, tinha frequentemente a sensação de atravessar uma bruma densa como a das manhãs em Rabat, em que a minha mãe acendia os faróis do carro e víamos, a meio de uma rotunda, as silhuetas fantasmagóricas dos polícias de oleado branco.

— Vi os primeiros casos em julho de 2020 — continuou o médico. — Doentes desesperados, que já não se reconheciam. Tratei engenheiros que nem conseguiam apertar os atacadores dos sapatos. Políticos e até médicos que se sentiam perdidos sempre que tinham de tomar uma decisão. Olhe — disse ele, desenhando um círculo com as mãos —, é como se cada personalidade fosse uma espécie de bola, mais ou menos harmoniosa. E, de repente, a bola explode em mil pedaços que o doente já não consegue voltar a juntar e é como se ele corresse atrás de si próprio, como se tivesse sempre um atraso, ultrapassado pelo que se passa à sua volta.

O neurologista pegou num papel e numa caneta e explicou-me a maneira como o vírus da Covid afetava as zonas do cérebro. Quando usava palavras complicadas, pedia desculpa e tentava traduzir para linguagem comum. Arranjava imagens cuja poesia e clareza eu invejava. Tentei puxá-lo para o campo da emoção, para a literatura, também. Aquele homem estudava o cérebro, a memória, a linguagem: a matéria-prima do meu trabalho. Queria falar-lhe de Proust e de Perec e, quando o fiz, ele sorriu.

— Ah, sim, mas isso é outra história. Sabe que o cérebro é uma máquina muito complexa.

Interrogou-me sobre os meus antecedentes familiares.

— Do lado da sua família materna?

— Cegueira, loucura, demência.

— E do lado paterno?

— Cancro.

Não sabia mais do que isso. Essa herança era obscura, desconhecida. O médico prescreveu-me uma PET ao cérebro e aconselhou-me a ter paciência.

— E se eu perdi todas as minhas recordações?

— Não, as suas recordações estão guardadas, escondidas algures. Na minha experiência, quanto mais uma pessoa utiliza o cérebro, mais se encharca de informações e mais as recordações parecem difíceis de alcançar. É a emoção que permite recuperá-las. O medo, por exemplo, é um marcador muito poderoso. — Quando eu estava de pé no corredor, ele pousou uma mão no meu ombro e, numa voz subitamente tímida, hesitante, acrescentou: — Falou de Proust, há pouco. Se não se importa que lhe dê um conselho, menina: descubra a sua madalena.

Depois dos magníficos *O país dos outros* e *Vejam como dançamos*, eis o romance que encerra um poderoso fresco familiar e social, o manifesto político e afetivo de Leïla Slimani.

«Mehdi secou-se, enfiou uma *T-shirt* limpa e umas calças de sarja, e procurou no fundo da sua sacola o livro que comprara para a filha. Iria convidá-la para dar um passeio, pousaria a mão no ombro dela, sorrir-lhe-ia e ordenar-lhe-ia que nunca olhasse para trás. “Mia, vai e não voltes. Essas histórias de raízes não passam de uma maneira de te pregar ao chão, portanto não importam o passado, a casa, os objetos, as recordações. Ateia um grande incêndio e leva o fogo contigo.”»

Mia e Inès formam a terceira geração da família Belhaj, que conhecemos nas páginas de *O país dos outros*. Nasceram em Marrocos, na década de 1980, num país dividido entre o desejo de modernidade e o medo de perder a alma e as tradições. É todo um novo mundo, e as duas irmãs terão de encontrar nele o seu lugar, cada uma à sua maneira, na solidão ou no exílio, no excesso ou na contenção, enfrentando o preconceito e o desprezo enquanto abraçam todas as promessas.

O fôlego que as move é a ânsia de liberdade, que tem as suas raízes nas mulheres cujo sangue lhes corre nas veias: a avó Mathilde, a mãe Aïcha e a tia Selma. É nessa busca pela liberdade que Mia parte para Paris, levando consigo o fogo e a escrita. Caberá a Mia contar a história do seu povo.

Levarei o fogo comigo completa um tríptico magistral, retrato dos heróis e heroínas deste e de outros tempos. Uma saga inspirada na família da escritora, eivada de um impressionante vigor poético, que chega ao fim, mas permanecerá com os milhões de leitores que se apaixonaram por estas vidas.



«Uma virtuosa contadora de histórias. A condição social das mulheres, os abismos da alma humana, as fraquezas e as contradições da sociedade, são os seus temas favoritos.»

JOSÉ RIÇO DIREITINHO, *Público*

«Leïla Slimani é um dos novos portentos da literatura em todo o mundo [...] uma das vozes mais fortes, sagazes, inteligentes, capazes e talentosas da literatura contemporânea.»

ANA BÁRBARA PEDROSA, *Observador*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
i penguinlivros

ISBN: 978-989-583-613-0



9 789895 836130